

Editorial

No mês de fevereiro nos despedimos do bolsista Rudney da Silva que permaneceu no grupo durante um ano, desejamos-lhe muito sucesso como novo bolsista do PIBID. Realizamos a tradicional apresentação do Programa de Educação Tutorial para os calouros de geografia 2013/1, no dia 26 de fevereiro, aproveitando para divulgar o edital de processo de seleção que escolherá os novos bolsistas do PET, para preencher as vagas do Rudney e da Ana Paula Esnidei, que deixou o grupo em dezembro. Para o edital de seleção tivemos oito inscritos. Sexta feira (08/03) os candidatos realizaram a prova escrita e no dia 12/03, após a entrevista com a banca, conheceremos os novos integrantes. O grupo está empenhado na organização do XIII SIMGEO . A maioria dos palestrantes já está confirmada. Outra novidade é a pré-seleção interna feita pela UDESC do projeto de extensão PET Registra para o eixo temático de educação para o edital nacional do MEC PROEXT. Desejamos um ótimo mês a todos!

Grupo PET-Geografia FAED/UDESC

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Carolina Datria Schulze, Felipe Polmann Alberici, Francine Sagas Florindo, Giovani Silveira dos Santos, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Raphael Meira Knabben, Raquel Gouvêa Lucio Bittencourt, Samuel Bastos Bracagioli, Yasmim Rizzolli Fontana dos Santos e Prof.^a Vera Lucia Nehls Dias

Errata: Nos meses de Janeiro e Fevereiro o nome da bolsista Raquel Gouvêa Bittencourt não foi divulgado, porém ela estava no expediente.

Edição: Felipe Polmann Alberici

Revisão: Grupo PET-Geografia

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeopress@gmail.com

As interfaces Geográficas no Limiar dos Ecossistemas, Territórios e Paisagens.....	03
PET indica.....	18
Eventos.....	19

AS INTERFACES GEOGRÁFICAS NO LIMIAR DOS GEOSISTEMAS, TERRITÓRIOS E PAISAGENS

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo¹

1. INTRODUÇÃO

A Geografia é uma circunscrição especial do conhecimento científico. Dentre as ciências sociais a que mais procura se aprofundar nos aspectos concretos da vida dos homens, relevando o papel da história, da concreticidade do mundo e da preponderância da técnica. E em sua fase de diálogo com as ciências naturais encontra sua raiz fundacional, na obsessão secular na busca pela elaboração de leis e modelos explicativos aos fenômenos ocorridos na superfície terrestre, acaba posteriormente por se aventurar nos desígnios do sujeito, e encontra na relação do ser humano com o meio sua matriz de pensamento dual, entre o natural e o social.

Em sua dualidade focal em relação ao seu objeto de estudo, por debruçar-se sobre a sociedade e o meio, a ciência geográfica se multiplicou em teorias, correntes e hipóteses para suas elucubrações e problemáticas. No centro destas discussões princípios lógicos se estruturaram, como a circulação, a localização e a delimitação escalar, juntando-se à imponente gama de conceitos como lugar, paisagem, território e região, todos aliados à categoria de espaço geográfico.

Dentre tantas propostas existentes, há aquelas que se dispõem a unir a um só tempo a duplicidade epistêmica do físico e do humano, em concomitância com os conjuntos de princípios e conceitos caros à Geografia; e neste sentido as teorizações a respeito dos geossistemas em sua evolução enquanto proposta metodológica e teórica enquadra-se nesta disposição unificadora das especializações do pensamento geográfico.

De início o conceito de geossistema obtém seu nascituro numa projeção reflexiva de ideias ligadas ao organicismo, evolucionismo e determinismo ambiental, como fica claro em sua origem soviética. Mas, em um movimento de crescente estratificação de sua amplitude escalar de análise, o geossistema passa a ser lançado cada vez mais na direção do maior alcance possível dos fenômenos sociais e naturais, almejando uni-los, como é o caso da tradição francesa do conceito.

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade de Brasília - UnB

2. O CONCEITO DE GEOSSISTEMA, PONDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS

A noção de geossistema possui sua origem na tradição russa de pensamento geográfico, numa tentativa de se elaborar um conceito capaz de abarcar a totalidade escalar de análise do espaço geográfico, significando assim um: Sistema Geográfico ou Complexo Natural Territorial (TROPMAIR; GALINA, 2006). A etimologia de geossistema original em russo *Landschaftovedenie* contém em si, portanto, um viés de totalização. Esta ambição epistemológica e principalmente prática da teoria dos geossistemas tem suas raízes na Filosofia da Natureza organicista e também na Ecologia das Paisagens (SOARES FILHO, 1998; SOTCHAVA, 1977).

Cabe ser frisado que o interesse maior do geossistema russo tinha por área de concentração a Geografia Física, numa procura de fortalecimento do status de cientificidade da ciência geográfica frente às outras ciências e dentro das suas próprias subdivisões temáticas: “[...] a concepção de geossistemas adquire um especial significado: confere precisão aos limites entre a Geografia Física e as outras disciplinas geográficas definindo, ao mesmo tempo, a essência do seu campo de investigações e o seu lugar no conjunto da Geografia.” (SOTCHAVA, 1977, p. 6).

Como o próprio nome sugere, há a introdução da Teoria Geral dos Sistemas nesta proposta, voltando-se predominantemente na busca por modelações analíticas, por meio de variáveis, índices e elaboração de compêndios de dados observados ou coletados, sobre o que se está estudando (MELO, 2004).

Alguns destes modelos são os de componentes funcionais, como os geômeros ou então os modelos dinâmicos estruturais. Em todos os casos o que se vê é a preocupação em atingir a inerente mutabilidade temporal, em seu papel de agente transformador do meio em confluência com toda a gama de elementos presentes no espaço geográfico, neste caso em seus aspectos naturais. (RODRIGUEZ; SILVA, 2002, MELO, 2004, SOARES FILHO, 1998).

No cerne da conceituação de geossistema proposto por Sotchava observa-se a inclinação explícita na direção da Geografia Física, eliminando inclusive as tendências teóricas de cunho ambiental e ecológico já vigentes a partir do início do século XX (TROPMAIR; GALINA, 2006). A preponderância de importância será dada principalmente à geomorfologia e a biogeografia, abrindo-se mão da já existente

contribuição de alinhamento sistêmico da Ecologia. Sobre esta presença dos sistemas nos estudos ecológicos do início do século XX, vejamos, por exemplo, a seguinte colocação de Jean Tricart:

O conceito de unidades ecodinâmicas é integrado no conceito de ecossistema. Baseia-se no instrumento lógico de *sistema*, e enfoca as relações mútuas entre os diversos componentes da dinâmica e os fluxos de energia/matéria no meio ambiente.(TRICART, p. 1977, 32).

Nesta colocação, observa-se claramente a presença da introdução da noção de transferência de energia dentro de um sistema, algo de inerente às teorias ecodinâmicas. A unidade ecodinâmica encontrará eco de ressonância nas posteriores unidades escalares dos geossistemas, mas a relação de troca de energia em fluxos de relações mútuas dará lugar a uma dinâmica regida por outros fatores, como o relevo, o clima, as características biogeográficas e por fim na própria influência da ação antrópica no meio (TROPMAIR; GALINA, 2006).

Na tradição do geossistema soviético, há a preocupação em superar os campos específicos de foco dos ecossistemas, o objetivo será uma visão holística, buscando a universalidade. Não à toa, campos como biogeografia, climatologia e geomorfologia serão os focos da incorporação geográfica dos geossistemas:

Geossistemas abrangem complexos biológicos, possuem uma organização de sistemas mais complicada e, em comparação com os ecossistemas, têm capacidade vertical consideravelmente mais ampla. Geossistemas não policêntricos, sendo-lhe peculiares alguns componentes críticos, um dos quais é, geralmente, representado pela biota. De qualquer modo, mesmo nos casos em que este ou aquele ecossistema coincide, espacialmente, com o seu geossistema adequado, as abordagens de um geógrafo e de um ecologista são diferentes: para o geógrafo, é universal; para o ecologista, especializado. (SOTCHAVA, 1977, p. 17).

Esta diferenciação de Sotchava é ainda atual e perene principalmente nas pesquisas concernentes à Geografia Física, pois vê-se no geossistema uma via de alcance do sonho humboldtiano do *cosmos*, ou seja, em um só arranjo metodológico, um modelo epistemológico, a explanação para a complexidade da superfície terrena: “O Geossistema é, portanto uma unidade complexa, um espaço amplo que se caracteriza por certa homogeneidade de seus componentes, estruturas, fluxos e relações que, integrados, formam o ambiente físico onde há exploração biológica.” (TROPMAIR; GALINA, 2006, p. 82).

Quando nos voltamos para o debate do conceito de geossistema proposto por Georges Bertrand, a principal diferenciação em relação à proposta russa será a estrutura matriz de fundamentação teórica, que passa a ser muito mais metodológica e instrumental; e também na adição do fator antrópico em sua possibilidade de alteração do meio (chamada pelo autor de a Unidade Trabalhada pelo Homem), agregando assim as acepções de técnica, história e cultura na totalidade física do espaço geográfico apreendido e compreendido dentro do conceito de geossistema (BERTRAND, 2004; 2007; SOARES FILHO, 1998).

O modelo Geossistema, Território e Paisagem (GTP) no fim das contas nas palavras do próprio Bertrand é uma tentativa de sintetização da análise geográfica com base no conceito de paisagem (e neste aspecto novamente se tem o retorno ao mesmo objetivo último do geossistema soviético, ou seja, o de uma teoria agregadora da dualidade epistêmica da Geografia, tendo como ponto inicial o sistema e o final a representação espacial no conceito de paisagem), assim, portanto cada face do modelo corresponde a uma demanda aplicativa de sua variabilidade com a imensa gama de temas possíveis de serem pesquisados. Vejamos abaixo uma breve descrição sobre cada um dos vértices do GTP:

O geossistema constituído pelos elementos geográficos e sistêmicos no qual são compostos por elementos abióticos, bióticos e antrópicos, em que abrange também os conceitos espacial, natural e antrópico. O território é a entrada em que permite analisar as ações e o funcionamento da questão social e econômica no espaço, considerando o tempo para relatar o recurso, a gestão, a redistribuição, a poluição e a despoluição. A paisagem que abrange não somente o visível, mas também a construção cultural e econômica de um espaço geográfico. Nela contém o território, sua organização espacial e seu funcionamento, e se reproduz nos elementos do geossistema. (ROSOLÉM; ARCHELA, 2010, p. 7).

O terceiro componente do GTP, a paisagem, sugere justamente a adição do fator humano não presente de modo enfático no geossistema soviético, cuja primazia perpassava no físico e não social. E por fator humano devemos compreender o contexto de formação das colocações de Bertrand, ou seja, a tradição possibilista francesa, que tem por diretriz a ação do homem no meio transformando-o ao mesmo tempo em que é transformado e até mesmo influenciado por este, como é o caso dos gêneros de vida lablachianos (GOMES, 2007).

Lembremos que no início do século XX, no auge do possibilismo francês, estava em vigência todo o discurso de dominação da natureza pelo homem, e nisto também se

adere a Geografia francesa, a ação humana (e também seu aspecto coletivo no conceito de gênero de vida) enquanto potencialização da capacidade de dominação da natureza pela técnica e cultura: “O geossistema está em estado de clímax quando há um equilíbrio entre o potencial ecológico e a exploração biológica. A floresta de faia já citada realiza este equilíbrio.” (BERTRAND, 2004, p. 147).

Esta visão da inserção do humano no natural perdurou inclusive nos descendente discursivos dos geossistemas franceses aplicados à biogeografia, que foram propagados para além das fronteiras europeias em estudos geográficos que procuravam aplicar tal teoria sistêmica à Geografia:

[...] podemos afirmar que ao pesquisar os Geossistemas, que são sistemas dinâmicos, devemos abordar os elementos abióticos, bióticos e noóticos, não somente os existentes no momento; mas levar em consideração também sua história. Assim ganha importância fundamental o elemento “tempo”, seja este **linear**, de evolução normal, ou **cíclica**, alterações no decorrer do ano com a fenologia das estações, refletindo-se na dinâmica da natureza, no agir e no comportamento social e nas atividades econômicas. Acrescentamos um Terceiro Tempo: o Tempo **Antrópico** ou de **Impactos**. O Tempo Antrópico ou de Impactos é o tempo que altera de forma mais rápida e drástica o geossistema e sua paisagem, pois ocorre em curtíssimo espaço de tempo, ou seja, em poucos anos, meses ou mesmo em dias ou horas. São queimadas do Brasil Central e da Amazônia, inundações, movimentos coletivos do solo, desmatamentos ou implantação de monoculturas. (TROPMAIR; GALINA, 2006, p. 84 – grifos do autor).

Ressaltamos também que ao tempo de elaboração de sua proposta do GTP, Georges Bertrand enuncia prementemente como principal dificuldade para seu modelo a questão da escala, pois o ambiente base para a exploração taxonômica que autor disserta se refere às paragens francesas, sendo assim necessário um exercício de grande monta para a adaptação deste modelo à outros casos específicos.

E neste sentido em relação a transposição de sua teoria a outros casos, alerta o geógrafo francês para a diferença entre o seu geossistema, que é pautado nas características escalares francesas, divididas em diferentes unidades para o melhor aproveitamento da teoria, para o conceito de ecossistema – e nisto segue-se a mesma crítica soviética a este conceito, ou seja, sua volatilidade e inaptidão metodológica à estudos geográficos –, cuja escala se posiciona num nível de difícil mensuração dimensional: “O ecossistema não tem nem escala nem suporte especial bem definido. Ele pode ser o oceano, mas também pode ser o pântano com rãs. Não é, portanto, um conceito geográfico.” (BERTRAND, 2004, p. 143).

Ainda sobre a questão da importância da escala no modelo GTP bertrandiano, elevando o alerta conceitual do autor da diferenciação geossistêmica escalar, para a ecodinâmica sem uma delimitação mais apurada dos limites e na adaptação causal do modelo em diferentes realidades, há a ressalva aplicativa do modelo, pois as vertentes em vias de análise são das mais diversas. Pode-se destacar entre especificidades temáticas, desde aspectos pedológicos até os impactos ambientais antrópicos numa determinada situação, sempre havendo num patamar superior a taxonomia do modelo em suas divisões e subdivisões com o objetivo primeiro de classificar todos os fenômenos envolvidos no recorte estabelecido:

A relativa complexidade desse esboço taxonômico sublinha perfeitamente os problemas que aparecem na classificação global das paisagens. A dificuldade é menos de chegar a uma definição sintética do que adaptar o sistema de classificação ao fato de que a estrutura e a dinâmica das diferentes unidades mudam com a escala. (BERTRAND, 2004, p. 149).

Os geossistemas podem, portanto, serem classificados por meio do eixo principal que estruturará os componentes taxonômicos complementares da análise matriz, podendo ser climáticos, geomorfológicos, faunísticos, botânicos, etc (REIS JÚNIOR, 2012). Como não poderia deixar de ser, dentro desta circunscrição de grande abrangência de aplicação dos geossistemas, há um viés de introdução de uma ideia interdisciplinar, para assim serem atingidos os objetivos analíticos previstos no escopo das pesquisas relacionadas.

A interdisciplinaridade como caminha neste caso justamente para a síntese modelar e sistêmica almejada pela teoria dos geossistemas, territórios e paisagens:

Para compreender os elementos básicos dessa proposição, é preciso reafirmar que, a teoria geossistêmica faz parte de um conjunto de tentativas ou de formulações teórico - metodológicas da Geografia Física, surgidas em função da necessidade de a Geografia lidar com os princípios de *interdisciplinaridade*, *síntese*, com a *abordagem multiescalar* e com a *dinâmica*, fundamentalmente, incluindo-se prognoses a respeito desta última. (RODRIGUEZ; SILVA, 2002, p. 72).

Epistemologicamente os geossistemas e o substrato de saberes de diferentes áreas que o sustentam se configura no fundo como uma grande tentativa de concretização da trova unificadora da interdisciplinaridade, tão almejado como ponto de recuperação das desgastadas meta-teorias naturais e sociais, onde se tenta num mesmo âmbito dialógico unir as especialidades dos experts cada vez mais numerosos nos dais atuais, fazendo com que em um modelo explicativo, no caso, os geossistemas se torne

realidade um exercício de explanação múltipla dos fenômenos físicos, bióticos e sociais num mesmo plano, um método interdisciplinar e unificado. Mas há obviamente, os percalços a tais pretensões:

A grande dificuldade consiste em encontrar um método que seja adequado e interdisciplinar. Sabemos que o primeiro elemento de um método consiste em *corte da realidade*, o que acarreta certa “redução” dessa realidade ou a formação de um esquema ideal mais ou menos simplificado. O segundo elemento consiste em *procedimentos de investigação* adaptados à realidade assim “reduzida”. O terceiro, em *procedimentos de representação* capazes de exprimir de modo mais ou menos preciso as investigações e seus resultados. Finalmente, o método comporta *procedimentos de explicação*, isto é, uma linguagem teórica capaz de reencontrar dedutivamente os dados empíricos e, assim, “explicá-los”. (JAPIASSU, 1976, p. 59).

Como nos lembra Soares Filho (1998) em suas tratativas metodológicas da Análise e Ecologia da Paisagem, com o foco na teorização modelar comum às propostas geossistêmicas, somente com uma variabilidade focal e uma atitude cautelosa para com a escala é possível se ter um plano audacioso de estudo, contemplação e interpretação da paisagem, em toda sua complexidade e figuração singular dentro da ciência geográfica, em especial dentro do cânone epistemológico dos GTPs..

Tal posicionamento é complementar à necessidade de diálogo multidisciplinar citado por Japiassu, e assim o fazem outros autores que se dedicam à aprofundar no campo de desenvolvimento de escopo teórico e fundamento metodológico para os conhecimentos produzidos pelos mais diferentes saberes (DEMO, 1995. MORIN, 2012), e assim também o é no que diz respeito à Geografia. Sabe-se que ao longo de sua extensa história a Geografia teve proximidade com métodos e teorias das mais diversas, ora variando na angariação de dados ora na profundidade dos aspectos subjetivos das relações sociais, perpassando desde a economia política até áreas do conhecimento sobre o meio ambiente.

Por esta intrínseca e inerente característica fundacional de múltiplos focos de análise é que se viabiliza as propostas como o GTP de união e continuidade de tais objetivos dos geógrafos.

3. Para se pensar a paisagem

A Geografia possui uma peculiaridade ímpar dentre o plantel dos saberes. Já em seu nascituro no século XIX foram vinculados alguns dos parâmetros que a fundamentaria

e especializaria dentre o rol de ciências sociais em franco desenvolvimento e institucionalização como a sociologia e antropologia; trata-se da dualidade de seu foco de estudos, fazendo com que num só tempo sujeito e objeto ficassem ao seu encargo, numa difícil tarefa de hibridização de métodos, teorias e procedimentos para abarcar tal empreitada.

Deste fardo epistemológico surgiram os sempre perenes debates largamente extensa visualização analítica em diferentes campos de especificidades temáticas da Geografia, indo desde as representações territoriais de grupos sociais em uma determinada localidade até o desenvolvimento de novas tecnologias de geoprocessamento para um melhor mapeamento dos impactos ambientais numa região de conservação (GOMES, 2007; SALGUEIRO, 2001).

Desta maneira historicamente o entendimento do conceito de paisagem dentro do pensamento geográfico permeia estes dois limiares de interpretação do mundo, de um lado há a herança do trato de cunho naturalista junto ao espaço, vindo principalmente da Geografia Tradicional, elaborando o assim a *paisagem natural* ou *física*, estruturada originalmente pelas correntes ligadas ao evolucionismo, organicismo e funcionalismo; desta linhagem surgiriam as recentes interpretações quantitativas da paisagem, com o auxílio de equipamentos de alta precisão e fomento tecnológico (GOMES, 2007; TROPPEMAIR; GALINA, 2006).

Ao admitirmos esta origem altamente visionária do conhecimento geográfico, procurando superar o mero exercício de elencar características enciclopédias das localidades do mundo – algo muito comum durante toda a modernidade –, encontramos alguns dos motivos que levam o conceito de paisagem a ter para com seus iguais discursivos (região, lugar e território) uma especial condição (SAUER, 2004). Isto ocorre pelo fato de interinamente no entendimento etimológico e filosófico de paisagem estar contido a noção de elo entre o que vê o que é visto, ou seja, a dualidade entre o sujeito e objeto, de onde descendem as Geografias Humana e Física, se torna algo acessível, plausível de trabalho e até mesmo superável. Vejamos um exemplo de definição holística do conceito de paisagem:

O termo “paisagem” é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos. Em certo sentido, “área” e “região” são termos equivalentes. É claro que área é um termo geral e não é distintivamente geográfico. Região passou a significar pelo menos para alguns geógrafos, uma ordem de magnitude. Paisagem é o equivalente inglês para o termo que os geógrafos alemães estão usando amplamente, e tem estritamente o mesmo significado: uma forma da

Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais. (SAUER, 2004, p. 23)

Por esta razão é comum observarmos diferentes estudos que se propõem a resgatar o conceito de paisagem para que por ele e nele, seja traçada uma via de acesso à dualização teórica da Geografia, colocando nos mesmos termos questões de cunho ambiental e social, físico e histórico, enfim fazendo revigorar o ponto de origem do pensamento geográfico de união das extremidades entre o ser humano e o mundo habitado. Façamos por ora um breve retorno às conceituais a respeito das paisagens naturais e sociais ou históricas, para assim entendermos sua peculiaridade agregadora dentro do pensamento geográfico.

A paisagem em sua definição enquanto recorte imagético da totalidade natural foi muito utilizado pelas clássicas escolas alemãs e francesas de Geografia, a primeira priorizando a questão de se legitimar um lastro de cientificidade para o conhecimento geográfico (GOMES, 2007), enquanto que na segunda o foco se voltava para os procedimentos metodológicos de análise das paisagens, tendo como pilar o ato de descrição, conforme assim o defendia Vidal de La Blache.

E o ato descritivo defendido pelos franceses está intimamente com o entendimento histórico de paisagem enquanto contemplação da natureza, observando as nuances de suas belezas e a maneira pela qual se relacionam, o auge da égide representatividade clássica e neoclássica:

A paisagem abrange as características visíveis de uma área de terra, incluindo elementos físicos tal como *landforms*, elementos da flora e da fauna, elementos abstratos e elementos humanos. A primeira paisagem registrada, aproximadamente em 1598, foi emprestada como um termo desses pintores holandeses, *landschap* que, em holandês, mais cedo significava simplesmente região, área de terra. Em dicionários e enciclopédias, essa palavra significa um quadro representando uma vista de uma paisagem interior natural: a arte de retratar esse cenário; porção de um território, apreendido pelo olhar de um só lugar; uma área particular de atividade. (WANNER, 2010, p. 69)

A permanência da visão naturalista da paisagem perpassou-se ao longo do século XX por meio da sua introdução no conceito de geossistema, muito influenciado ainda pelo organicismo e mesmo que negado, também pela conceituação ecodinâmica (MATEO, 2002).

A paisagem torna-se então o ponto gravitacional do geossistema – e nisto Georges Bertrand é claro ao deixar neste conceito o viés da dimensão representacional de toda sua proposta teórica – , sua matriz temática, de onde tudo se multiplica, em leques de peculiaridades focais das pesquisas: Tropmeir e Galina: “[...] para nós, ‘PAISAGEM’ é um fato concreto, um termo fundamental e de importante significado para a GEOGRAFIA, pois a paisagem é a fisionomia do próprio Geossistema.” (2006, p. 82). Haverão assim geossistemas com paisagens preponderantemente urbanas, topográficas, hidrológicas, botânicas, etc.

E justamente por haver esta proximidade conceitual e prática dos geossistemas com áreas como a botânica, a geomorfologia e a meteorologia, houve um fortalecimento da paisagem natural, entendida como recurso de delimitação dos estudos de geossistemas:

O desenvolvimento da biogeografia e de alguns aspectos da geomorfologia mais próximos da ecologia estão na base de uma ‘ciência da paisagem’ de caráter ecológico e profundamente naturalista bem representada em França e mesmo em Espanha [...] O conceito de paisagem foi evoluindo desde uma posição muito próxima da geografia física, até revelar maiores preocupações com os processos econômicos e culturais, procurando abarcar a totalidade dos fenômenos no espaço estudado. (SALGUEIRO, 2001, p. 44).

A autora deixa claro que há, no entanto, posteriormente, e nisto cabe a concepção francesa de geossistema, a introdução de uma maleabilidade na dureza do conceito paisagem natural, por meio do resgate de antigas contribuições como os gêneros de vida lablachianos, e na tentativa de inserir de fato o fator antrópico na produção e alteração de paisagens.

Por outro lado há aceção da *paisagem histórica* ou *cultural*. Nesta vertente teórica o que fica em evidencia são as características intrínsecas da ação humano no meio ao longo do tempo, valorando-o, transformando-o e atribuindo-lhe significados. Este viés tem por principal preocupação dar à paisagem uma profundidade relacional que ultrapasse a barreira da externalidade existente entre o sujeito e objeto, muito comum na ideia de paisagem natural, fazendo com que haja a comunhão da concreticidade do mundo pretérito à ação humana e posterior à ela, juntamente com o papel da subjetividade no processo de engendramento de representações sociais no espaço geográfico:

A paisagem cultural como nível superior do estudo da paisagem, como sistema ambiental, representa a dimensão sócio-ecológica da paisagem. São

os espaços geográficos que as sociedades transformam para produzir, habitar e sonhar. Concebida assim, a paisagem é a interface da Natureza com a Sociedade. Aceita-se de tal modo e por uma parte, a materialidade, ou seja, a existência de uma estrutura e um conjunto próprio dos corpos naturais (a paisagem natural), e a existência de um *status* paisagístico desses corpos naturais, determinado pelo sistema de produção econômica e cultural [...]. A paisagem é, assim, uma noção diagonal, transdisciplinar, que permite a articulação sócio-espacial. (MATEO, 2002, p. 98).

O principal representante de elaboração de um arcabouço epistemológico a respeito das paisagens culturais foi Carl Sauer (2004) por meio de sua *The Morphology of Landscape* publicado em 1925. O maior acréscimo dado por Sauer à época foi uma proposta de rompimento com o vigente determinismo ambiental ingênuo, valorizando a tendência possibilista francesa, voltando o seu foco para a riqueza sógnica, não deixando de valorizar a questão da totalidade objetiva da realidade em seu processo de valoração simbólica:

Trata-se da paisagem cultural, um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza. (CORRÊA, 1997, p.289)

Após esta breve conceituação da dualidade de acepção e uso do conceito de paisagem, em suas esferas física e humana, é importante destacarmos que o movimento atual é o de superação desta dicotomia. Como já citado, a proposta de Geossistema, Território e Paisagem de Georges Bertrand (2004), é uma destas formulações de cunho superante, mas há outras proposições que caminham na mesma direção de alinhamento em um mesmo patamar as faces natural e simbólica, como é o caso de autores como Corrêa (2005), Schein (1997), Lineham e Gross (1998) e Baker (1989).

Para Richard Schein (1997) é possível analisar a complexidade da paisagem por meio dos *discursos materializados* que a compõem; com esta definição o autor expande o entendimento da paisagem indo além dos aspectos ecológicos, adicionando como caráter de primeira importância da atividade humana, em seu estudo de caso específico sobre Ashland Park são propostos seis características a serem analisadas: arquitetura, mapeamento da segurança, preservação histórica, associações de bairro, zoneamento e consumo.

É importante lembrar que estas dimensões analíticas foram escolhidas com as especificidades temáticas e escalares do estudo em questão, podendo ser adicionados ou excluídos outras facetas de interpretação a depender do objeto a ser estudado, de acordo

com Schein, sendo um modelo universal passível de ser modelado singularmente, tal opinião também é compartilhada por Corrêa (2005, p. 294): “As formas espaciais, através das quais o simbolismo ganha materialidade, constituem, por outro lado, meios através dos quais a cultura é modelada”; e para Corrêa estes simbolismo estão sujeitos à influência tanto da vida social em si como também do ambiente, ou nas palavras do autor, da percepção ambiental.

Há, portanto a possibilidade de se colocar ao mesmo tempo diferentes variáveis de análise dentro do conceito de paisagem. Por se tratar de um termo no qual se enquadram tanto aspectos do sujeito que representa como do mundo que é representado – em uma clara permanência do caráter holístico do pensamento geográfico –, como resultado abertos ficam os caminhos das inúmeras vertentes que compõem a totalidade da vida humana, da natureza às representações simbólicas, passando pelas trocas econômicas e questões políticas:

If this is true, then the power of landscapes resides in their resonance. Landscapes are simultaneously ecological, cultural, economic, political, poetic, ideological, and symbolic sociospatial phenomena. [...] Finally, 'landscape' is a human±ecological concept that involves human agency. (LINEHAN; GROSS, 1998, p. 215).

É neste resgate da potência da residência multifuncional das abordagens possíveis de se fazer pelo conceito de paisagem é que Bertrand adiciona em seu GTP o fator antrópico, em contraposição à escola de geossistema soviética, a ecologia e a cultura caminham juntas para haver uma mescla de complementariedade na visão a respeito da paisagem.

Por estes termos é imprescindível a admissão da natureza interdisciplinar de uma análise da paisagem que tenha como objetivo último abarcar senão todas, ao menos a maior parte das facetas que a compõe, respeitando os limites do método, o alcance do recorte e a demanda de explanação ao qual o estudo estará designado:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 2004, p. 141).

A paisagem é sem sombra de dúvidas um dos mais profundos e profícuos aportes conceitual do pensamento geográfico, desde a sua institucionalização até os dias atuais. A singularidade da paisagem se explica em grande parte por seu próprio

significado etimológico, ou seja, a representação de algo, tendo nos extremos desta relação o pensamento e a ação humana e do outro lado a natureza, de onde há uma profusão de interpretações que vão da produção de saberes e desenvolvimento de técnicas até a atribuição de significados e extração do valor econômico dos recursos disponíveis na natureza (CORRÊA, 2005, WANNER, 2010).

O que se observa nas atuais conceituais da paisagem é um retorno da admissão da união entre os extremos cultural e ambiental num mesmo discurso de trabalho por parte não só de geógrafos, mas de outros estudiosos que fazem uso do conceito. Sobre esta necessidade de não se anular a proficuidade de uma coalizão socioambiental, passível de ser estendido ao conceito de paisagem temos a seguinte colocação de Edgar Morin:

Mas não é certo que a natureza comporta um princípio de variedade que é testemunhado pelos milhões de espécies vivas? Não comporta um princípio de transformação? Não comporta em si própria a evolução, que conduziu ao homem? Será a natureza humana desprovida de qualidades biológicas? (MORIN, 2010, p.3).

A paisagem em sua presença dentro das proposições geossistêmicas, tanto francesas como soviéticas, obtém, portanto um status de discurso sintetizador e de volta a uma unicidade analítica dentro da Geografia, colocando em pautas de discussão questões ambientais e culturais, complementando-se ambas, não deixando que haja nenhum tipo de exclusão teórica ou metodológica plausível de ser utilizado e adaptado à totalidade dos modelos de pesquisa em geossistema. (SOARES FILHO, 1998; DE BOE; GRASLAND; HEALY, 1999).

4. CONCLUSÃO

Os geossistemas dentro do pensamento geográfico são mais um acréscimo teórico ao escopo epistemológico da Geografia. Partindo de sua origem predominantemente natural foram se especializando em novas temáticas de tratamento e aplicabilidades metodológicas, avançando para além da ecodinâmica e do puro sistema em si.

No caso específico do modelo GTP bertrandiano, vemos nesta proposta uma possibilidade de colocar em voga novamente a união dualística do pensamento geográfico, ou seja, suas vertentes humana e física. Esta coadunação metodológica pelos GTP se torna possível principalmente por estar presente dentro deste modelo a

necessidade de se trabalhar com o conceito de paisagem como estruturador dos trabalhos vigorados por este método.

Independente de qual tema motriz o GTP se embasar, físico ou humano, indo dos aspectos climáticos ao identitários dos lugares, o importante é que o argumento geográfico se renove por meio desta teoria, dialogando as esferas ambiental e social em uma mesma empreitada de estudos do espaço geográfico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, W. L. A review of models of landscape change. In: **Landscape Ecology** vol. 2 no. 2 pp 111-133 (1989).

BERTRAND, G. Paisagem geográfica física global: esboço metodológico. In: **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.

BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2007.

CORRÊA, R. L. **Carl Sauer e a Geografia Cultural**. In: **Trajetórias Geográficas**. CORRÊA, L. B. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (p. 261-285).

DE BOE, P; GRASLAND, C; HEALY, A. **Spatial Integration: study programme on european spatial planning**. Belgium, France, Portugal, United Kingdom, London, 1999.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

LINEHAN, J. R; GROSS, M. Back to the future, back to basics: the social ecology of landscapes and the future of landscape planning. In: **Landscape and Urban Planning** 42 (1998) 207±223.

MELO, D. H. C. T. B. Geossistemas: a história de uma procura. In: **Revista de Geografia UEL**. Vol. 13, Nº 1, Jan/Jun, 2004.

MORIN, E. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 4ª Ed. São Paulo: PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, 2012.

REIS JÚNIOR, A Nova Geografia Física Bertrandiana (é possível tornar humanístico um fisiógrafo? In: **Revista Geonorte**, Edição Especial, V.4, N.4, p.34 – 46, 2012.

ROSOLÉM, N. P. ARCHELA, R. S. **Geossistema, Território e Paisagem como método de análise geográfica.** In: VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física Universidade de Coimbra, Maio de 2010.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e geografia. In: **Revista Finisterra**, Vol. XXXVI, 72, 2001, pp. 37- 53.

SAUER, C.O. **A morfologia da paisagem.** In: CORREA, R.L., ROSENDAHL, Z. [Orgs.] **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 12-74.

SCHEIN, R. H. The Place of Landscape: A Conceptual Framework for Interpreting an American Scene. In: **Annals of the Association of American Geographers**, 87 (4), 1997, pp. 660-680.

SOARES FILHO, **Análise de Paisagem: fragmentação e mudanças.** Departamento de Cartografia, Centro de Sensoriamento Remoto – Instituto de Geociências – UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SOTCHAVA, V. B. **O Estudo de Geossistemas** In: **Métodos em Questão.** Universidade de São Paulo – USP. Instituto de Geografia, São Paulo: Edusp, 1977. p.1 - 49.

TRICART, J. **Ecodinâmica.** IBGE, Rio de Janeiro, 1977.

TROPPEMAIR, H, GALINA, M. H. Geossistemas. In: **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 05, número 10, 2006.

WANNER, M. C. A. **Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas.** Salvador: EDUFBA, 2010.

PET-Indica

(sugestão de filmes, livros, etc)

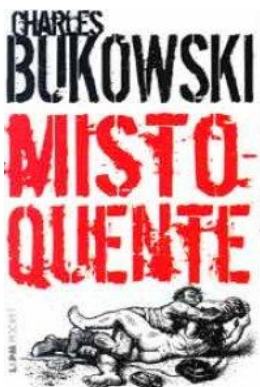


Nos anos 1960, numa aldeia no sul da França, um grupo de meninos de sete a 14 anos enfrenta uma guerra contra as crianças da aldeia vizinha, liderados por William Lebrac (Vincent Bres). Mas essa é uma batalha sem piedade que já dura por gerações.

Os garotos lutam pela honra e lealdade, utilizando todos os meios necessários para vencer, até aceitar a ajuda de uma menina. Mas não é fácil ser um pequeno exército de homens sem ser pego pelos pais. Ao voltar para casa, após um dia de batalha com as roupas rasgadas e botões a menos, o maior desafio é ser discreto para fugir do castigo. (retirado de <http://www.guiadasemana.com.br/cinema/filmes/sinopse/a-guerra-dos-botoes>)



Harry trabalha muito, devido a isso é estressado, afastado da família, e embora profissionalmente pregue “alegria e entusiasmo”, na sua vida pessoal demonstra exatamente o oposto; é metódico e não demonstra generosidade. Harry depois de um episódio em que esquece das filhas na estação de trem, fica pensativo e começa a questionar sua vida. Percebe que não fez nada e sempre fez o que os outros esperavam dele. Após quase atropelar Georges (Pascal Duquennes), que sofre de síndrome de Down, Harry decide levá-lo para casa mas não consegue se desvencilhar dele. (retirado de <http://amigonerd.net/sociais-aplicadas/psicologia/o-oitavo-dia-2>)



Verdadeiro romance de formação com toques autobiográficos. “Misto-Quente” cativa o leitor pela sinceridade e aparente simplicidade com que a história é contada. Estão presentes a ânsia pela dignidade a busca pela vã verdade e pela liberdade, trabalhadas de tal forma que fazem deste livro um dos melhores romances norte-americanos da segunda metade do século 20. Apesar de ser o quarto romance dos seis que o autor escreveu e de ter sido lançado quando o autor já estava com mais de sessenta anos, “Misto-Quente” ilumina toda a obra de Bukowski. (retirado de <http://listasculturais.blogspot.com.br/2012/09/5-melhores-livros-de-charles-bukowski.html>)

Eventos

Milton Santos e a educação: A teoria Espacial Crítica Miltoniana e a Formação dos Educadores

Local: Campina Grande, Paraíba

Data: 22 a 24 de março de 2012

Informações: <http://www.agbcampinagrande.com.br/colunistas.php?col=holdstudio&id=52>

III Simpósio Internacional sobre Gerenciamento de Resíduos Agropecuários e Agroindustriais – III Sigera

Data: 12 a 14 de março de 2013

Local: São Pedro, SP, Brasil.

Informações: <http://www.sbera.org.br/sigera2013/>

Encontro Regional de Estudantes de Geografia da Região Sul - V EREGEO-Sul Transgredindo Fronteiras (In)Visíveis do Território: Atuação Estudantil

Local: Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, Santa Catarina

Data: 6, 7 e 8 de Abril

Informações: <http://eregeosul.blogspot.com/>

XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina

Data: 8 a 12 de abril de 2013

Envio de trabalhos: Até a última semana de novembro

Local: Lima/Peru

Informações: <http://www.egal2013.pe>

XVI SBSR - Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto

Data: 13 a 18 de abril de 2013

Foz do Iguaçu, PR - Brasil

Informações: <http://www.dsr.inpe.br/sbsr2013/index.html>

VIII ENSIGEO E II Encontro PIBID Geografia da UNESP

Data: 22 a 25 de abril

Local: UNESP de Ourinhos-SP

Informações: <http://www.ourinhos.unesp.br/ensigeo/index.html>

III Simpósio Nacional de Geografia Política

Data: de 07 a 10 de maio de 2013

Local: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Informações: <http://geosimposio.wordpress.com>

3º Simpósio de Geoestatística Aplicada em Ciências Agrárias

Data: 08 e 10 de maio de 2013

Local: UNESP, em Botucatu, SP, Brasil.

Informações: <http://www.fca.unesp.br/sgea/>

MundoGeo Connect LatinAmerica2013: Conferência e Feira de Geomática e Soluções Geoespaciais

Local: Centro de Convenções Frei Caneca – São Paulo (SP) – Brasil

Data: 18 a 20 de junho